

# ODE AOS GARCIAS

OU

TRÊS MIL

E OITENTA

E QUATRO

*Sylvain Levy*



*Sylvain Levy é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

Havia um reino.

Onde não havia rei. Nem parlamento. Mas havia pessoas e as pessoas se reuniam e votavam leis que nunca seriam cumpridas, então também não havia juízes nem promotores. Mas havia advogados que defendiam e atacavam quem de justiça precisasse e as decisões eram sábias e sabiás cantavam. A sua justiça não tinha venda nos olhos, tentava aplicar a isonomia, tratando desigualmente os desiguais.

Era um reino onde coisas improváveis se tornavam possíveis, onde a realidade corria junto com a imaginação. Tiroletas que voavam e borbossauros que pastavam eram testemunhas disso e também do amor do Tiranossauro Rex pela borboleta e de como foi intensamente correspondido.

No reino tudo era possível, mas não pensem numa Pasárgada mítica, pois lá era comum morder a própria testa, bastava para isso subir num banquinho. Era sem dúvida um reino justo. Cada um contribuía com o que podia e só recebia o que precisava e as necessidades de amor e carinho eram satisfeitas, mas não completamente para que sempre houvesse espaço para o querer mais.

Era um reino muito estranho onde as coisas que se pensava aconteciam para o bem, para o bom e que as coisas para o ruim se esqueciam de acontecer. Lá, a ambição nunca crescia tanto a ponto de se transformar em ganância, nem a raiva de virar ódio. E precisava de



muita atenção quando o amor ficava paixão e a fome, gula.

Perfeito o reino não era, mas se vivia. Era diferente. Havia independência, autonomia e liberdade e havia solidariedade e fraternidade. Era tão diferente que até os anarquistas conseguiam organizar reuniões.

Havia um reino onde a fantasia imperava e a ética do amor substituía a do medo e as cores cheiravam.

A lágrima que corria dos olhos entrava pelo ouvido e dava para sentir o gosto do tudo junto.

O amargo existia na podridão das frutas e não nas pessoas. O feio era percebido quando as flores murchavam.

Era um reino onde o acreditar se opunha ao medo e a coragem e a honestidade não eram qualidades, mas atributos comuns.

Fome, guerra e peste eram notícias, **não acontecimentos. Morrer era apenas o contrário do nascer e**, ambas, partes do viver.

Era um reino onde as pessoas acreditavam que o ideal existia. Que o ideal era alcançável e que cada um chegaria nele. Mas ninguém se sentia culpado quando isso não acontecia. Só voltavam a crer e tentavam de novo. Porque sabiam que o mundo estaria sempre recomeçando.

Havia um reino.

E por que não?